Jornadas de Junho, midiativismo, narrativa colaborativa e emergência na rede distribuída da Internet

Introdução

Nos últimos anos agitações sociais ocorridas por todo globo foram marcadas pela ascensão da multidão e suas ações biopolíticas. Novos atores político-sociais se tornaram protagonistas dos levantes a nível global. Utilizando-se de avançadas tecnologias de comunicação próprias das sociedades complexas e fundamentadas em redes distribuídas, a criticidade emergente conseguiu abalar a aparente estabilidade do capitalismo pós-guerra fria: a democracia-representativa, a desigualdade de riquezas e o poder autoritário dos Estados cada dia são mais questionados.

No meio deste caldeirão, seja por meio de vídeos elaborados, editados rapidamente em programas de edição robustos cada dia mais acessíveis, publicados em repositórios de vídeos como o youtube, ou por meio de material mais simples veiculado em plataformas de Streaming através de tecnologia 3g, a mídia independente conseguiu transcender os limites das mídias tradicionais questionando também estes oligopólios através de uma pratica alternativa constituinte.

Apesar da crescente crítica ao controle midiático antidemocrático das grandes empresas, quase em nada se avançou no que diz respeito a democratização da mídia de tv e rádio, jornais e revistas. No entanto, a produção da emergente nas ruas, expressa por meio de novos tipos de narrativas, conseguiu criar verdadeiras linhas de fuga para promover e impulsionar debates e mobilizações da multidão[1] insurgente gestando um novo paradigma de comunicação.

Contemporaneamente, a luta política por um mundo melhor e a produção de vida coincidem como nunca. E novos dispositivos de comunicação tem um papel constituinte neste processo.

[1] "A multidão é composta de um conjunto de *singularidades* – e com singularidades queremos nos referir aqui a um sujeito social cuja diferença não pode ser reduzida à uniformidade, uma diferença que se mantém diferente." (NEGRI; HARDT, 2005, p. 139)

A horizontalidade da produção propiciada pela ampliação da complexidade, permitiu um salto no que diz respeito a conhecimento e informação. Transitamos de um paradigma de mera reprodução verticalizada das narrativas e da ideologia do poder dominante para uma realidade muito mais complexa onde quase qualquer um pode criar conteúdo e compartilhá-lo. Fato que permite transcender a cultura da "ordem do livro"[2] e criar múltiplas narrativas que expressam múltiplos pontos de vistas e interesses sociais.

O midiativismo insurgente

O entendimento mais comum do que seja "Midiativismo", é considerá-lo como uma categoria de ativismo que utiliza de tecnologias de comunicação nos movimentos sociais e políticos. Suas ações incluiriam a produção de notícias em sites e blogs, produção de vídeo e áudio, divulgação de informação sobre os protestos e organização de campanhas relacionadas com a comunicação social e as políticas de comunicação. Com o advento da atual realidade tecnológica e sua apropriação cidadã, também podemos entender este tipo de ativismo como ato que expressa criatividade e os anseios de produção de singularidades por meio midiático. Não necessariamente como uma produção centralizada e teleológica destinada a determinados fins, mas sim como produção livre e autônoma que em meio às efervescências sociais pode se efetuar enquanto movimento horizontal de grande potencial constituinte.

Assumindo este entendimento sobre o termo, podemos centrar nossa reflexão sobre a relação do midiativismo com o fenômeno dos levantes emergentes, críticos da atualidade em nosso país. Isto é, pensar como este tipo de ativismo contribuiu para possibilitar um fenômeno político diferenciado de empoderamento dos indivíduos, viabilizando as mobilizações críticas e horizontais que irromperam desde as jornadas de junho[3] e que se mantém até este momento.

A apropriação e utilização de tecnologias de comunicação como ferramenta de mobilização, organização e formação para os movimentos sociais e políticos, sempre

[2] Processamento da informação através de estruturas hierárquicas baseado na ideia de transmissão e assimilação.
[3] Nome dado aos levantes populares que ocorreram em junho de 2013, organizados principalmente a partir das redes sociais. Os levantes tinham como principais características, a multiplicidade de pautas, e ser contra qualquer tipo de representação, ou organização verticalizada.

existiu; de impressos alternativos produzidos fora das estruturas das grandes gráficas a produção de vídeos fundamentados no pensamento de "uma câmera na mão e uma ideia na cabeça"[4]; A produção de zines por movimentos de contracultura, de vídeos ficcionais críticos e documentais por cineastas engajados, e mesmo instalações e intervenções artísticas de caráter subversivo podem ser pensadas como exemplo deste tipo de midiativismo. Zines baseados na ideia do "do it yourself"[5], filmes do cinema novo[6], documentários políticos, intervenções artísticas de grupos como o Fluxus[7] e mesmo as iniciativas midiáticas realizadas diretamente por associação de moradores, sindicatos, ONGs e instituições estudantis, tal como, tvs, rádios e jornais independentes ilustram este cenário de produção.

O desenvolvimento da tecnologia da internet e das diversas plataforma de disponibilização de mídias online abriu a possibilidade da produção midiativista se reconfigurar. Com o desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação e sua incorporação crescente na sociedade se ampliou o acesso da população aos computadores e a internet, o que permitiu se consolidar uma produção descentralizada de mídias sem qualquer precedente. Com a facilitação do acesso a banda larga, o aparecimento e popularização das redes sociais e das tecnologias 3g e wifi, esta produção midiativista diferenciada começou a se constituir como um fenômeno de grande implicação social, ao permitir que o ativista também produzisse suas próprias narrativas midiáticas. Soma-se a isso os avanços tecnológicos referentes a captura e edição de vídeo e áudio, e também a produção de dispositivos portáteis de múltiplas funções, na verdade "minicomputadores", que se tornaram disponíveis a quase qualquer pessoa.

Um exemplo ilustrativo desta transformação se deu em relação aos videoativistas, midiativistas que se dedicam a produção de material videográfico. Desde os anos 70, produções alternativas de vídeos que visavam dar visibilidade a movimentos sociais e políticos já eram uma realidade, intervenções e interações dinâmicas focadas na realização de vídeos em espaços públicos aconteciam desde os anos 80. No entanto, foi com a consolidação da internet em banda larga e das

[4] Lema colocado do Cinema Novo de Glauber Rocha
[5] "Faça você mesmo". Ou seja, o principio anarquista de fabricar ou reparar algo por si mesmo em vez de comprar no sistema comercial.
[6] Movimento cinematográfico brasileiro que visava repensar a produção de vídeos no país.
[7] Movimento artístico das décadas de 1960 e 1970crítico aos valores burgueses.

plataformas de vídeos online como youtube, e com o avanço da tecnologia de filmagem e edição de vídeo, que o videoativismo veio a se estabelecer tal como se coloca hoje.

Algumas inovações tecnológicas foram cruciais para o surgimento e desenvolvimento do videoativismo. Podemos apontar algumas características fundamentais para que o registro videográfico pudesse ser tomado como arma por estes ativistas: a mobilidade, a qualidade, e a velocidade de produção. A mobilidade está diretamente associada ao tamanho e a autonomia das câmeras, para o desenvolvimento do videoativismo foi crucial que estes equipamentos se tornassem portáteis e autônomos. Só assim o registro pode se tornar mais individualizado e móvel. As câmeras portáteis de vídeo liberavam os operadores de câmera de cabos de alimentação e de outros aparatos que diminuíam sua mobilidade e tornavam o registro de som e imagem uma tarefa difícil, de equipe e atrelada a locações preparadas para tal. Com o avanço tecnológico as câmeras foram diminuindo de tamanho e a autonomia de gravação (relacionada ao tempo de duração de baterias e espaço em mídias de armazenamento) foi sendo aumentada. A qualidade de gravação também evoluiu rapidamente, as limitações de captura (gravação de imagens e sons) do início do desenvolvimento das filmadoras foram sendo superadas, se evoluiu de aparelhos de captura preto e branco e mudo, para imagens coloridas e vividas, associadas a áudios cada vez melhores. Por fim tivemos um intenso processo de desenvolvimento no que diz respeito a velocidade de produção, ou seja, relacionado a forma de traspor os dados armazenados pelas filmadoras em um produto exibível e editável. Se desenvolveram tecnologias live view[8], armazenamentos físicos que podiam ser lidos diretamente em aparelhos reprodutores[9], e formas cada vez mais sofisticadas de editar o que foi armazenado. Contudo foi com a tecnologia digital que a velocidade de produção alcançou outro patamar. As imagens e sons capturados por câmeras cada vez mais autônomas, que começaram a caber na mão dos operadores, e que garantiam filmagens de ótima qualidade, passaram a permitir uma rápida transferência para outros dispositivos, visualizadas e trabalhadas em computadores pessoais. Desta forma o tempo e o trabalho necessário para a produção de vídeos foi dramaticamente reduzido.

[8] Visualizadores digitais embutido nos próprios aparelhos.
[9] Tal como a tecnologia de fitas VHS

Todos estes avanços já tinham possibilitado que operadores de câmera pudessem transitar em meio a passeatas, atos políticos e afins, viabilizando produções midiativistas: documentários, matérias para TVs comunitárias e sindicais e etc. Contudo, o que permitiu as produções videoativistas ganharem o contorno que possuem hoje, e desta forma se relacionar organicamente com as recentes movimentações políticas, foi a integração deste acúmulo tecnológico com o desenvolvimento da informática e da internet. Não bastava a existência de ativistas "armados" com filmadoras portáteis dentro das mobilizações, era preciso que estes pudessem constituir e participar das redes sociais que emergiam, disponibilizando sua produção da forma mais rápida e acessível possível.

Os videoativistas equipados de câmeras digitais, que variavam de equipamento mais sofisticados a aparelhos portáteis bem simples, encontraram nas plataformas de armazenamento de vídeos online (tais como youtube e vimeo) uma forma de disponibilizar sua produção de maneira livre, com o desenvolvimento da internet de banda larga o *upload* e o carregamento dos vídeos ganharam velocidade. Programas robustos de edição corporativos espalhados sobretudo por meio de cópias piratas, e programas livres de edição simples também estavam em mãos destes ativistas qualificados pela educação informal produzida em fóruns, por posts, textos e vídeos tutoriais acessíveis através de mecanismos de busca. Somada a efervescência política na rede, criando todo o tipo de interações e conexões, tínhamos uma realidade que permitia tornar acessível de forma rápida o que estava sendo produzido, de forma que, no próprio momento da produção, ocorria a distribuição, os recortes de novas edições, e remixagens dos mesmos. Na medida em que o produto se torna livre na rede, ele potencializa em meio a uma série de agenciamentos entre os diversos grupos atuantes no movimento. Estes vídeos online eram ainda integrados e replicados em blogs, sites e compartilhados nas redes sociais o que permitia uma ampla divulgação do material e uma vivida interação com o mesmo.

Um enxame de ativistas: A cobertura em tempo real por meio de streaming

Para além desta produção videográfica que viria se tornar uma ferramenta de mobilização, registro e denuncia um outro tipo de produção veio a se destacar, a cobertura em tempo real por meio de streaming. Os mesmos avanços tecnológicos que possibilitaram a multiplicação de câmeras em meio aos protestos vieram a

viabilizar a produção de vídeos em tempo real. A internet banda larga por 3g ou wifi, as plataformas livres de streaming e o uso de aparelhos do tipo smartphones com câmeras integradas permitiu que o midiativismo pudesse trazer o internauta para dentro dos atos, integrando os movimentos de rua a pessoas em seus computadores em qualquer parte do mundo.

O streaming alcançou sucesso rapidamente, principalmente devido ser um sistema barato e simples de se operar, sendo prontamente utilizado por diversos integrantes dos atos, qualquer um passava a ser um “olho” para os que estavam em casa, possibilitando a sincronia entre a casa e a rua. Pela potencialidade do streaming as manifestações alcançavam novas proporções. Os “olhos”, garantiam a participação e ao mesmo tempo a proteção dos manifestantes e permitiam aos de casa, a intervenção nos atos. Uma rede de apoio e solidariedade se formou, com manifestantes que acompanhavam de suas casas apoiavam com ações que vão desde inserir créditos nos vídeos de celulares dos ativistas, até enviar mensagens instantâneas para informar ao ativista sobre algum tipo de perigo que estava na sua proximidade. Outra forma de colaborar muito comum foi a solicitação da abertura das redes de wi-fi durante as manifestações, com isto, os manifestantes não dependeriam apenas de uma conta 3G para atuar, poderiam usar uma rede colaborativa livre.

A sincronia do streaming, somada a liberdade de não estar preso a uma lei de copyright das imagens, potencializou a emergência de todo um sistema midiático que funcionou para além do tradicional, misturando o público e o privado em um território só. As redes e as ruas se fundiam em uma sincronicidade cuja dinâmica se tornou muito difícil de ser capturada.

Algumas Observações para Conclusão

A conjuntura explosiva do país, sobretudo no que diz respeito a mobilidade urbana, custo de vida e qualidade dos serviços públicos em 2013 gerava uma insatisfação que inflamava inconformados que saíram em protestos pelas ruas do país inteiro e que encontrou um espaço de articulação e informação nas redes sociais. O barateamento dos dispositivos tecnológicos necessários para a produção midiativista fruto do processo de informatização da sociedade no contexto pós-industrial somado a todo desenvolvimento tecnológico aqui citados e da crise do modelo político da democracia representativa, permitiu a emergência de um

verdadeiro enxame de midiativistas em meio aos protestos. Sua produção midiática produziu uma cobertura orgânica e polifônica dos acontecimentos das ruas, em sincronia com o movimento horizontalizado que havia se constituído como alternativa aos movimentos políticos tradicionais. A comunicação verticalizada e unilateral colocada pelos veículos da mídia corporativa entrou em crise nesse contexto, porquê, atrelada a um paradigma de produção baseado na centralização e autoridade, não era capaz de absorver e se colocar no centro de um processo de comunicação horizontal e de emergência, de baixo para cima, alimentado por midialivristas.

A cada dia um novo canal de mídia nascia, seja um blog, uma página de facebook, uma página de youtube. Coletivos surgiam, aumentando a massa de produtores de mídias nas ruas. Os cidadãos que ocupavam as ruas, como os que estavam atentos nas redes, não mais precisavam se submeter as construções narrativas colocadas pelos meios de comunicação de massa. Pelo menos durante esse momento, o ideal de produção livre e autônoma, e a possibilidade de interação constante com múltiplos olhares se tornou uma realidade. O midiativismo atuava em várias frentes neste ciclo de lutas. Possuía papel mobilizador, pois aglutinava pessoas em torno de eventos e fatos políticos que vinham a se firmar dentro do cenário político e social. E isso dentro da lógica da heterogeneidade das redes sociais e outros espaços coletivos descentralizados. Assumia também o papel de noticiar de maneira diferente do jornalismo tradicional o que estava acontecendo nas ruas. Múltiplas visões eram apresentadas de dentro para “fora”, ou seja, produzidas de dentro do calor das mobilizações para o ambiente virtual onde se estava atento aos acontecimentos, e integrado a tudo através das coberturas 3g, mensagens instantâneas, compartilhamento e outras formas.

Bibliografia

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do império**. São Paulo: Record, 2005..

JOHNSON, Steven. **Emergência: a dinâmica de redes em formigas, cérebros, cidades.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003

SANTOS, Nilton Bahlis dos. **A Ciência da Informação e o Paradigma Holográfico: a utopia de Vanevar Bush**. Informação & Informação 12.1esp (2007).